

# OS JOGOS DA MINHA ESCOLA: UM MODELO PARA SE PENSAR O ESPORTE DA ESCOLA

DR. LUCIANO GALVÃO DAMASCENO

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
Professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul e da Prefeitura  
Municipal de São Paulo

*O passado é uma roupa que não nos serve mais..  
Belchior*

Em 2009, Lino Castellani Filho e Rafael Moreno Castellani lançavam “Os jogos de minha escola”. A questão central do livro, a “competição escolar”, tornou-se a partir dos “Movimentos de Renovação da Educação Física” iniciados nos anos de 1980, um tema sensível. Parece-nos que houve um problema entre apropriação teórica e mediação prática, que não envolve, por suposto, somente leitura e aplicação. A mediação, isto é, formação profissional, política educacional, condições de trabalho, metodologia didático-pedagógica, entre outras, é fundamental. Dessa maneira, quase jogou-se a água do banho fora com o nenê (esporte)! Muito embora, um dos intelectuais contribuinte da “renovação crítica” da Educação Física e muito crítico ao *esporte como ele é* tivesse alertado o espaço de contradição existente (BRACHT, 1997), isto é, o esporte educa por várias formas e conteúdos, o que possibilita tanto a reprodução irrefletida como a crítica criativa, mas, atenção, o esporte continua sendo uma criação moderna e burguesa, estes são os seus limites.

É possível, no espaço da contradição que se materializa o esporte em geral, encontrarmos na Educação Física obras para nos conduzir, no entanto, o tratamento específico da “competição” em sua complexidade não é comum e menos ainda relacionada aos aspectos específicos dos “jogos na/da escola”. Este é um dos méritos do livro que ora resenhamos:

entendemos que possa ser um “modelo” para ajudar – não copiar de forma irrefletida – a pensar as situações específicas do cotidiano escolar de cada professor (a).

Em nosso entendimento, o livro contribui para explorar as contradições sociais presentes no esporte e na competição, bem como, suas apreensões educacionais e pedagógicas, sem que seja explícita tal orientação, o que o coloca na condição de referência indispensável.

O livro foge ao que se convencionou publicar na Educação Física, pois trata-se menos de um livro teórico e mais de um livro paradidático. Temos em mãos um livro enredado por uma ficção cujo principal personagem é a competição.

Para ilustrar a imaginação de quem o lê temos o trabalho preciso de LOR (Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues), que conforme o enredo se desenrola vai compondo nosso imaginário e nos fazendo estabelecer nexos com a realidade cotidiana. LOR ajuda os autores e ao leitor a concretizar a narrativa. Vejamos um exemplo: Na primeira ilustração temos os vários personagens em formatos de fotografia  $\frac{3}{4}$ , mas sem rosto e quase sobrepostas, isto é, sem suas singularidades. Conforme os autores avançam na narrativa os personagens ganham concretude, uma vez que num pano de fundo geral que é a vida em comum que levam somadas as características da adolescência, cada personagem vai ganhando personalidade. E LOR percebe este procedimento dos autores e ao final repete a ilustração com os rostos e pondo-os um ao lado do outro, numa sugestão de igualdade.

Os alunos “de minha escola” estavam acostumados em determinada época do ano se preparar para os “Jogos Interclasses”. O professor organizava e os “alunos” jogavam. Com a chegada de um novo professor de Educação Física, o Jorge, iniciar-se-á uma mudança radical de rumo: é proposto aos alunos que organizem seus próprios Jogos! Qual é a justificativa: “se quem participa dos Jogos são vocês, é de vocês a responsabilidade pela organização deles” (CASTELLANI FILHO e CASTELLANI, 2009, p. 8). Tal evento desfaz o centro de gravidade dos “alunos”. De repente a “Terra” não é mais o centro do universo!

Jorge como todo bom professor propôs uma saída que pudesse abarcar todos os interesses, qual seja: que os alunos aprendessem organizando. Agora alunos sem aspas, pois daí em diante meninos e meninas iriam organizar e jogar. Não seria reservado a menina somente ser espectadora dos Jogos.

Os autores buscam sublinhar e explorar a complexidade da adolescência cheia de sentimentos ambivalentes e contraditórios. A proposta do professor Jorge gera uma novidade na vida dos alunos, e os faz pensar no significado da escola em suas vidas, e mais, os fazem refletir sobre sua singularidade e a vida do outro. Desse modo, ao iniciarem a organização pôr-se-ão problemas que antes eram solucionados ou negados pelo antigo professor. Vamos a eles:

- Organizar traz consigo a responsabilidade.
- Quem deve organizar?
- Quem deve participar dos Jogos? Meninos? Ou Meninos e Meninas?
- Existem diferenças técnicas em termos esportivos entre os alunos? Como resolvê-las? É “justo” alunos de diferentes capacidades técnicas jogarem juntos? Ou se deve montar equipes pensando em equalizar pela técnica?
- Quais esportes/jogos devem compor os Jogos? Com variedade de esportes e jogos é possível que um aluno seja “bom” numa modalidade e nem “tanto” na outra? É possível que haja compartilhamento de “saberes”?
- A organização dos Jogos exigem sistemas de competição? Como elaborá-los?
- A organização dos Jogos exigem divulgação? Como fazê-la?
- Tantas tarefas exigem uma comissão ou várias comissões?
- A organização dos Jogos exigem o relacionamento com os demais componentes curriculares? Este aspecto interdisciplinar confere um espírito “da escola”?
- É necessário seguir regras? Elas podem ser modificadas para se adequarem aos alunos e suas características?
- É preciso arbitragem? Ou pode se pensar em auto-arbitragem?

Seria muita responsabilidade envolvendo conflito, honestidade e coletividade?

- É possível participar dos Jogos sem jogar?

Como afirma um dos personagens: “ – Nossa, *véio!* – gritou Pedro, não conseguindo conter seu entusiasmo – Nunca poderia imaginar que pra organizar os Jogos da nossa escola era preciso fazer tanta coisa!” (CASTELLANI FILHO e CASTELLANI, 2009, p. 24). Estes são alguns dos elementos constituintes do “Jogos de minha escola”, e que nos fazem perceber a riqueza pedagógica que pode ser suscitada por uma competição. Nos faz pensar nas possibilidades existentes ao envolvermos e responsabilizarmos os alunos. Não é abrir mão da diretividade pedagógica, e sim, utilizar determinadas atividades coletivas como espaço de aprendizagem e democratização, com fins previamente determinados, mas não obscuramente fechados.

A forma como o professor Jorge ideou a organização dos Jogos previa a sua realização, porém deixou um espaço aberto para as ideias dos alunos. A competição permaneceu como um rio que vai se modificando conforme as pessoas se banham nele e ao mesmo tempo não deixando de ser rio. A competição (o rio) é o objetivo de seus organizadores, porém não como fora no passado. Agora, há protagonismo, há preocupação com o outro para além de satisfazer-se a si mesmo jogando, há participação das meninas com suas ideias marcantes e com suas formas peculiares de jogar, que não devem ser comparadas as formas de jogar dos meninos. Enfim, agora tem-se uma visão de conjunto sobre algo que antes a dedicação se resumia a preparação “física” e técnica para jogar, pois se reproduzia as tradicionais formas de competir, o que ao fim e ao cabo levava-se aos Jogos na minha escola.

“Os Jogos de minha escola” nos dá um exemplo humanista de competição – uma contradição obviamente –, pois demonstra que conforme se valoriza a riqueza individual – pensemos em cada um dos alunos que participaram da organização dos Jogos – esta enriquece com sua singularidade os demais indivíduos, fazendo disso um enriquecimento mútuo, isto é, reconhecendo que as pessoas são diferentes e quanto mais

podem ser pessoas mais ricas tornar-se-ão. E este aspecto se desenvolve na narrativa na medida em que se constrói vias de democratização que só se faz possível pelo desenvolvimento da criticidade.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CASTELLANI FILHO, Lino.; CASTELLANI, Rafael Moreno; RODRIGUES, Luiz Oswaldo Carneiro. *Os jogos da minha escola*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BELCHIOR. Velha roupa colorida. In: BELCHIOR. *Alucinação* (Vinil). Brasil: Phonogram, 1976.

Recebido: 31 agosto 2017

Aprovado: 06 maio 2019

Endereço eletrônico:

Luciano Galvão Damasceno

lluccianogd@gmail.com